

PARQUE VILA MARIA

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS, SELMA MARIA
E ESTUDANTES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS

ILUSTRAÇÕES DE NARA E HEITOR ISODA



OLHARES

São Paulo 2019



Há mais de 70 anos, a Viação Cometa transporta pessoas de cidade a cidade. Sem dúvida, é emocionante saber que muitas dessas viagens trazem as pessoas de volta para casa, depois de uma jornada de trabalho ou de passeio. É sempre gostoso voltar para nossa cidade, sempre um reencontro com emoções ternas e memórias que dizem muito sobre quem nós somos.

O Instituto JCA, ligado à Viação Cometa, do Grupo JCA, tem como marca atuar em parceria com escolas, apoiando comunidades para pensarem em seus territórios e encontrarem caminhos melhores para o desenvolvimento humano e econômico, principalmente para as crianças e os jovens. Resgatar a memória faz parte disso, pois é uma maneira de fortalecer laços e preparar melhor a construção do futuro.

O projeto A Cidade da Gente reúne esses valores que cultivamos em nosso dia a dia. O projeto convida crianças de escolas públicas de diversas cidades do país a descobrir seus próprios lugares, cultivando e compartilhando a memória das comunidades locais, e fazendo disso um processo de intenso e afetuoso aprendizado. Afinal, olhar para o lugar onde vivemos também é um jeito de voltar para casa, sobretudo do ponto de vista simbólico. E preparar-se para criar novos lugares.

Ao apoiar esse projeto, a Cometa e o IJCA reafirmam seu compromisso com a comunidade onde estão inseridos há décadas. Trata-se do Parque Vila Maria, um bairro na Zona Norte de São Paulo, que a cada dia descobre mais seu potencial, sua história e sua riqueza e diversidade culturais.

Que esta publicação, fruto do trabalho cuidadoso de profissionais e estudantes, possa ajudar a despertar a consciência e a responsabilidade de cada um pelo seu próprio lugar e pela sua comunidade.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura.

Viação Cometa e Instituto JCA



Apresentação

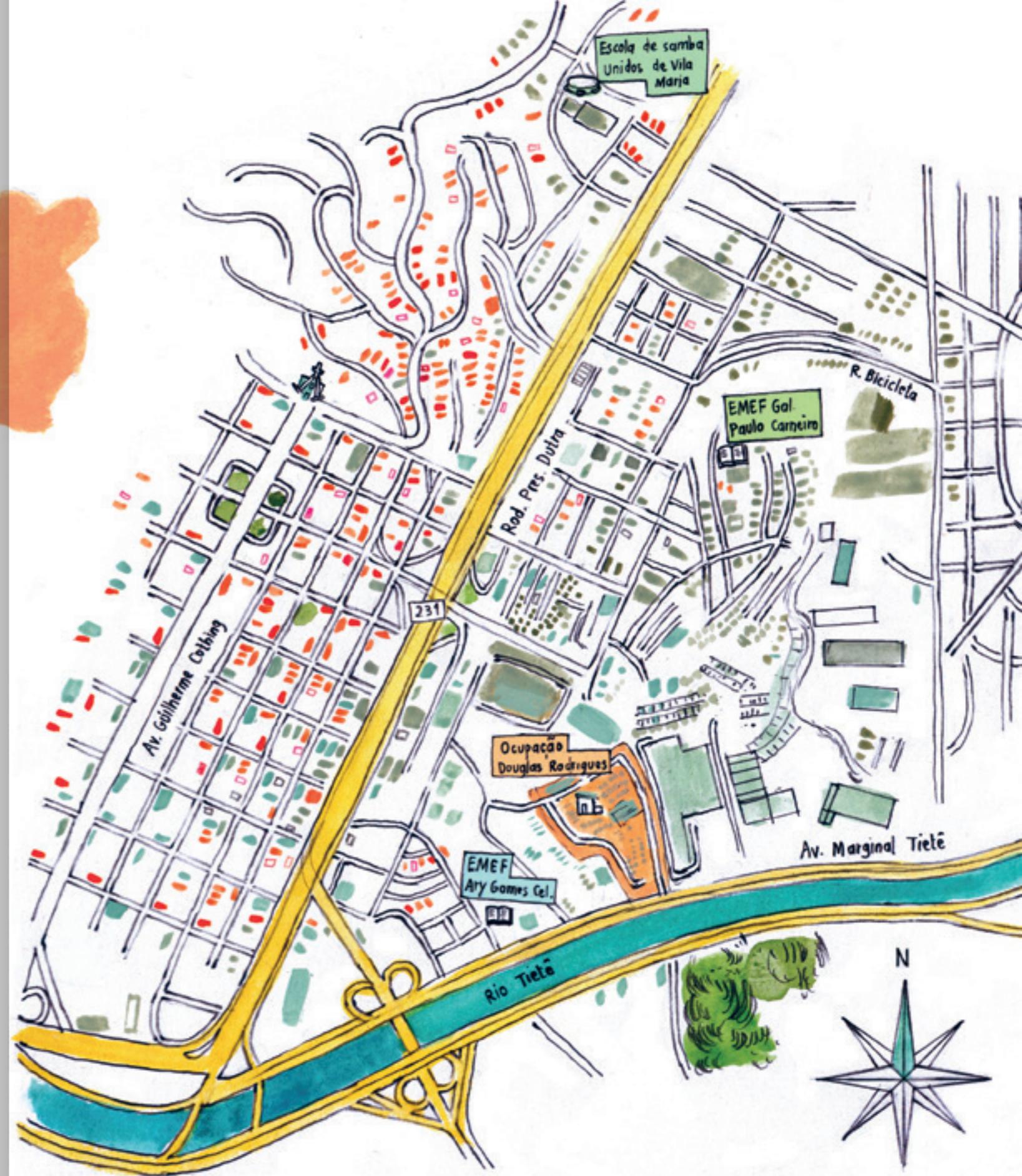
Valorizar a própria história é um trampolim para a autoestima e a realização pessoal. E pesquisar e falar sobre sua própria realidade pode ser um grande estímulo para a leitura e a escrita. Com esses nortes, a coleção A cidade da gente investiga a história e o cotidiano de cidades brasileiras em parceria com as crianças e professores de escolas públicas locais. O resultado são livros infantojuvenis que prometem se tornar importantes referências de conhecimento, apoiando a perpetuação e a disseminação das memórias dessas cidades e ampliando a percepção das crianças sobre sua identidade e o ambiente onde vivem.

O processo de produção deste livro envolveu momentos mágicos de interação dos escritores José Santos e Selma Maria, com a comunidade das Escolas Municipais General Paulo Carneiro e Coronel Ary Gomes, no Parque Vila Maria, bairro periférico da Zona Norte de São Paulo, misturando memória, rotina e literatura. O patrocínio da Cometa e do Instituto JCA através do Programa de Apoio à Cultura do Estado de São Paulo (ProAc) foi fundamental para produzir este livro e garantir a distribuição de sua tiragem, gratuitamente, na rede pública de ensino do estado.

Boa leitura!

Sumário

- 12 Passeio poético na região
- 18 Ocupação
- 24 Projetos Sociais
- 32 Avenida Guilherme Cotching
- 38 Escola de Samba
- 44 Rio Tietê
- 50 Passeios pela cidade
- 51 Avenida Paulista
- 56 Museu Afro Brasil
- 62 Pinacoteca
- 68 Beco do Batman





Parque Vila Maria é o nome do bairro em que a gente mora, estuda e passeia. É o que vivemos aqui, escrevemos nesse livro. Então, para começar não faça confusão: o Parque Vila Maria fica dentro da Vila Maria, que é um grande bairro paulistano com 102 anos, com uma Vila Maria alta e uma Vila Maria baixa. Essa duas Marias já foram bem pequenas, mas hoje moram aqui mais de 100 mil pessoas.

As histórias desse livro na sua maioria contam sobre essa parte mais baixa, que fica ao lado do Rio Tietê e entre duas vias muito movimentadas: a Marginal Tietê e a Rodovia Presidente Dutra, que é o nosso querido Parque Vila Maria

Antigamente era de barco que se chegava ao bairro, quando as pessoas atravessavam o Rio Tietê. Depois construíram uma ponte de madeira. E assim chegaram novos moradores.

Imigrantes e migrantes, trazendo suas culturas. Paulistas, nordestinos, mineiros, e mais recentemente os latinoamericanos. Muitos jovens, que vieram com seus pais ou que aqui nasceram são os escritores desse livro.

Eles são os estudantes de duas escolas do bairro, a EMEF General Paulo Carneiro e a EMEF Coronel Ary Gomes. Através de vários encontros ao longo de 2019 com os escritores José Santos e Selma Maria narraram suas histórias, construíram poemas e depois escreveram com o apoio de vários educadores das duas escolas suas impressões sobre o Parque Vila Maria.

Mas esse livro traz um pouco mais do que contar sobre um só bairro...

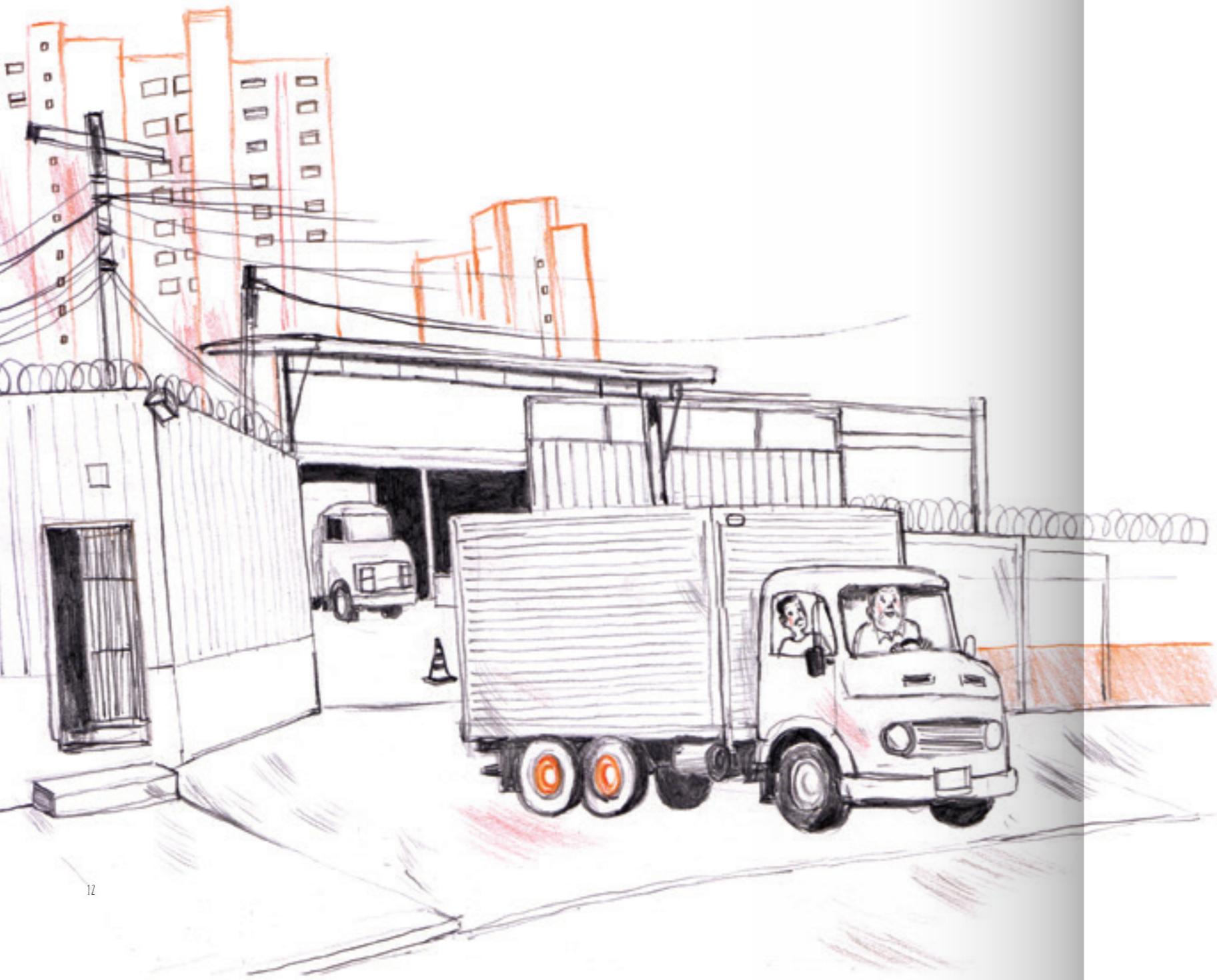
Como alguns alunos nesse período participaram de um projeto de viagens pela cidade, conheceram o Parque do Ibirapuera, o Museu Afro-Brasil, a Avenida Paulista, o Deco do Batman e a Pinacoteca de SP. Essas visitas também viraram textos que se somaram às narrativas do dia a dia no Parque Vila Maria e na região, narrativas paulistanas em textos poéticos e escritas criativas que aproximam, através de sua própria realidade, os estudantes da leitura e da produção escrita, e aprofundam sua visão afetiva sobre essa realidade.

Tudo isso é memória, visões sobre o patrimônio material, imaterial, ambiental da cidade. Bem-vindos a conhecer o que esses jovens moradores têm para contar sobre a sua cidade, a cidade da gente!

Ah, e antes de terminar é importante fazer um agradecimento especial à professora Lêia e às coordenadoras pedagógicas das escolas, Cintia Arruda de Castro e Roberta Fernandes Ferreira, que, com suas ativas participações, muito nos ajudaram a construir esse projeto.



Passeio poético na região



Construir um bairro só com as memórias e palavras que os jovens estudantes encontram nas ruas para compor textos que possam unir poesia e geografia do lugar onde vivem.

Isso que fizemos nos vários encontros com eles, para pensar o bairro em que eles vivem e se divertem. Numa das vezes que estivemos na Escola Paulo Carneiro, ajudamos na construção desse poema coletivo, dentro da atividade "poesia rima com geografia". Os estudantes acharam rimas divertidas para lugares bem conhecidos do Parque Vila Maria e região.

Na Dom Vital
Comemoro o Natal

Na Área 4
Perdi meu sapato

Quando cheguei no Berimbau
Minha tia me deu mingau

Depois em Cingapura
Tomei café com rapadura

Na rua da Bicicleta
Passou um carro e não deu seta

E nas Casinhas
Encontrei a vizinha

Sai da Vila Maria
E fui fazer poesia

Mas antes fui ver minha amiga
Lá nas Casas Bahia

Segui para o Parque Novo Mundo
Para encontrar com o Raimundo

Fui num brechô na Marcene
Comprei um bonê e um fone

Na Cidade Nova
Fiz uma trova

Na Beirinha vi minha prima
Pulando amarelinha

Na Maria Quedas
Achei duas moedas

Na São João
Um cachorro
Espantou um ladrão.

Na principal
Encontrei meu amigo
Cara de pau

Alunos do 9º ano da professora Leila de
Geografia e do professor Felipe de História



Como foi feito esse poema

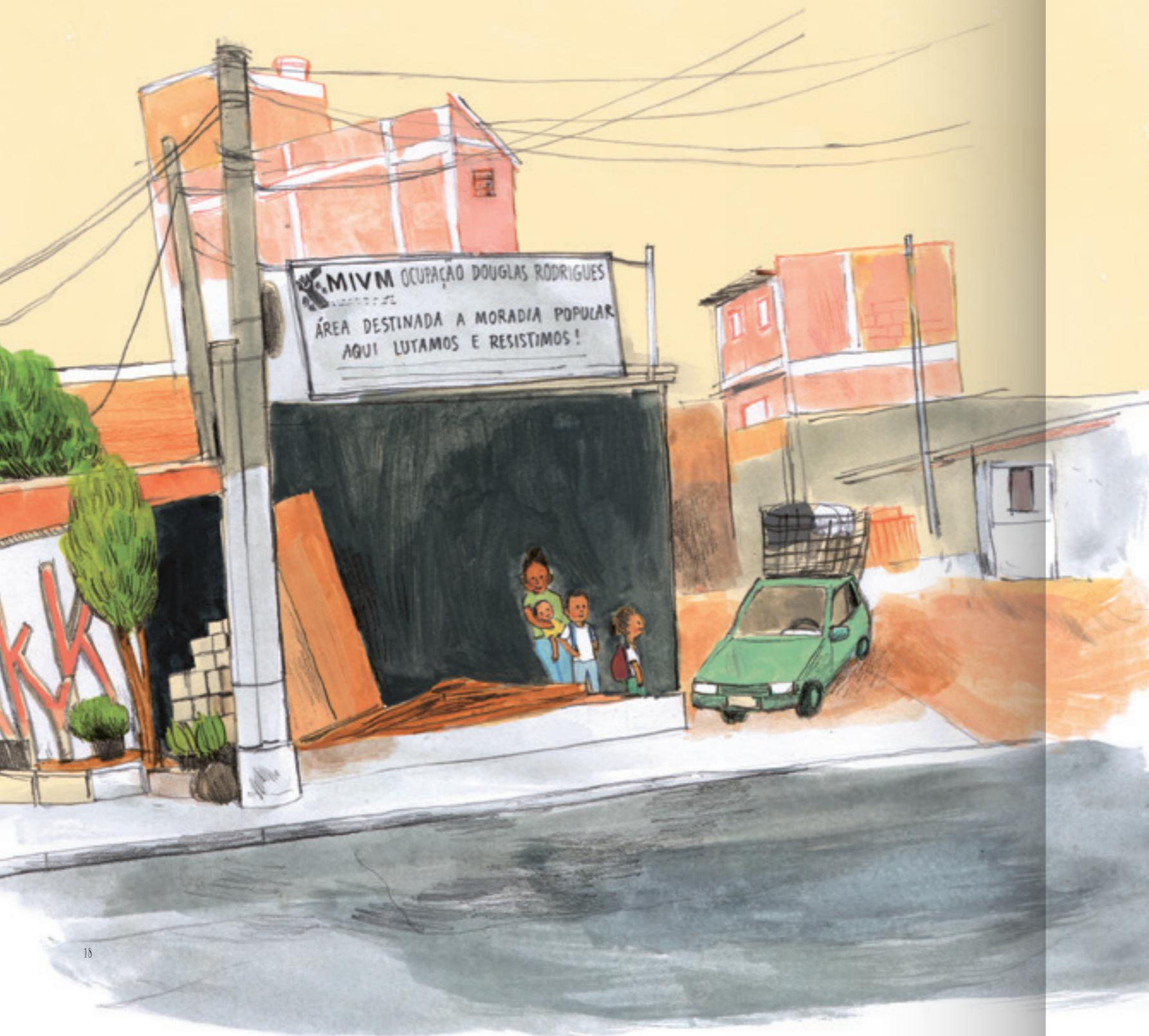
Marcone, Maria Quedas, Beirinha, São João, Cidade Nova, Parque Novo Mundo, Dom Vital, Área 4, Derimbau, Casinhas, Cingapura, Rua da Bicicleta. São bairros e ruas que pertencem a esse grande lugar chamado Parque Vila Maria.



É são esses os lugares que os alunos da professora de geografia Dirceléia de Oliveira Netto, a querida Léia, e do professor de história Felipe Gonzalez Yanez escolheram para falar do que vêem. O que eles aprenderam é que, para rimar, o que vale mesmo é inventar palavras e histórias, deixar surgir a imaginação.

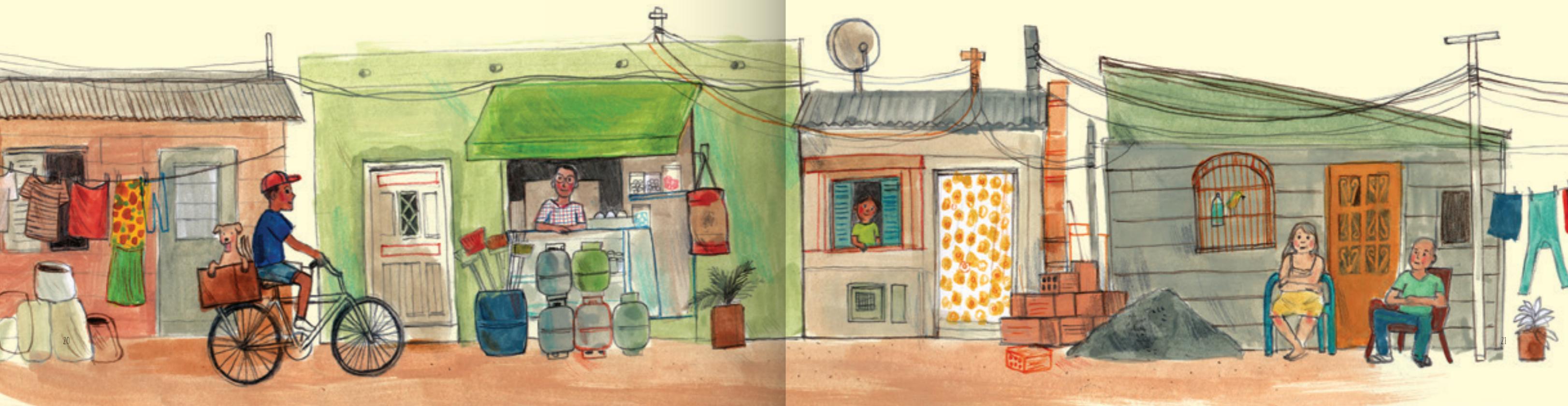


Ocupação



Há seis anos, este é um espaço construído pelas mãos dos seus moradores. Diariamente, eles aprenderam a ser arquitetos e engenheiros na vida, vendo desde pequenos como se ergue uma casa. Assim nasceu a Ocupação Douglas Rodrigues, onde moram muitas crianças que estudam na escola Ary Gomes. Oito mil adultos vão, dia a dia, erguendo suas moradas, que muitas vezes decoram com vasinhos de flores nas janelas, e nas quais colocam cortinas na entrada, em vez de portas.

Atualmente o movimento coletivo da ocupação é a colocação dos números nas paredes da entrada das casas para que elas fiquem com o endereço exato de cada morador. Assim, as pessoas podem receber cartas e encomendas dos correios, virar um ponto de comércio, e por aí vai. Como é bom ter endereço...



Aqui na ocupação encontramos crianças que ocupam o valioso espaço urbano chamado rua e fazem dele um local de encontro para brincar. Com ruas de terra e muita imaginação, muitas brincadeiras surgem no chão e no ar. São duas mil crianças que brincam todos os dias de pega-pega, futebol, amarelinha, peteca, passa-anel, pião, pular corda, soltar pipa...

Soltar pipa é uma maneira de dar asas à imaginação para colorir o céu com um quadrado feito de papel de seda e varetas, construído pelas mãos da infância. Muitas pipas são vistas fazendo desenhos sinuosos que chegam no mais alto e longe, onde só a imaginação da criança alcança. Aqui na ocupação, o jogo de cinco marias é jogado por muitas Marias, Kellys, Anas, meninas e meninos todos novos moradores que encontram amigos para criar e recriar esse patrimônio imaterial chamado brincar. Elas rememoram uma São Paulo onde o espaço urbano era muito brincante, de quando o espaço público ainda não dava preferência para os milhões de veículos motorizados.

A ocupação está numa área de 50 mil m², com mais de 100 metros de frente para a Marginal Tietê, no bairro Parque Novo Mundo, onde um novo mundo todo dia se constrói. Muitos caminhões chegam e deixam cimento e areia para concretizar o sonho de morar numa casa de concreto, com um endereço para ficar e fincar raízes e histórias no lugar.



Projetos Sociais

Nas escolas Paulo Carneiro e Ary Gomes, projetos envolvem a vida das crianças e dos jovens, dentro e fora dessas instituições. Os projetos nasceram com desejo de que os alunos se expressem através das linguagens que mais gostam, discutam a sociedade e repensem a maneira como as pessoas vivem.

E assim, os gestos aprendidos viram danças, palavras se transformam em poemas, com desenhos eles fazem pinturas murais. Tudo isso é elaborado com a ajuda dos professores para transformar os sentimentos dos alunos em linguagens artísticas. Como a aluna Kelly do 9º ano fez quando pensou o que é música:

"A música define uma pessoa, transpõe algo que está dentro da gente, tira a tristeza e coloca no lugar o sonho".

Vejam só quantos projetos existem nessas duas escolas do Parque Vila Maria:

Vopo

A aluna Karine Lopes disse: "se o amor é cego, a partir de hoje quero fazer poemas em braille". Foi no Vopo que ela descobriu que poesia e amor podem estar em qualquer lugar, basta olhos e coração para se enxergar.

O Vopo quer dizer "Vozes poéticas" e existe para dar voz a tantos jovens da Escola Paulo Carneiro. Nesse coletivo, as desigualdades sociais são ouvidas. É a partir destas escutas que o professor de história Felipe Yanes trabalha com as narrativas dos seus alunos e ensina a criar poesia. O coletivo Vopo incentiva cada um a revolucionar-se.

O aluno Kleber Perôn escreveu um poema que ficou famoso num dos saraus mais organizados da cidade, o Sarau da Cooperifa. O incêndio ocorrido na Ocupação Douglas Rodrigues, onde 70% dos alunos da escola moram, é o tema:

*Muitas pessoas devem achar
Que eu estou maluco
Mas tenho certeza
Não me falta parafuso
Por dois barracos
Meu lar não ficou em chamas
O medo tomou conta de mim
Em viver aquele drama.*



Mural

As professoras Andrea de Cassia Giunta e Marília Alves de Carvalho gostam de recolher desenhos dos alunos do 5º ao 9º ano para depois proporem desenhos e pinturas a serem feitas nas paredes da escola. Fazem delas lugares mais bonitos e ainda deixam uma marca do que os alunos pensam e discutem em sala de aula, na vida.

Esse é o Projeto Mural que provoca um enorme respeito do grupo pelos artistas que pintaram os murais pois trazem a regra dos grafiteiros: se alguém pintou, ninguém mexe no espaço, aprecie a arte de cada um.



Elas por elas

O que as meninas pensam e querem mudar é acolhido pela professora Marcia, de Artes Visuais.

Abrir o diálogo e fazer painéis com as melhores frases que traduzam os incômodos que elas sentem em relação a uma sociedade que ainda prioriza e valoriza a cultura produzida pelos homens é o ponto principal que o Elas por elas traz. Os acontecimentos do dia a dia que demonstram uma agressividade só pelo fato delas serem meninas são comentados nessas rodas de conversas que rondam as casas, as ruas, a escola. O objetivo dessa partilha é gerar mudanças na vida delas, para que se fortaleçam através de ações positivas que encaminham suas vidas para melhores momentos e relações mais saudáveis.

*Minha vida dá um branco
Quando penso num assunto delicado:
Meu pai não me toca,
Seu amor só é esperado.
O que faço, então?
Ligo para a minha mãe
Que mora longe, nos Cafundós.
Tenha dó!
Meu futuro resolvi escrever só...*

Poema da Vitória do 9º ano que frequenta o projeto feminista Elas por elas-





Negrópolis

É um projeto da Escola Paulo Carneiro ligado à dança que traz a cultura brasileira em discussão com suas raízes africanas e indígenas, onde os alunos dançam a partir de lendas que a professora Virginia André Cresta traz para os 4º e 6º anos. E de dança em dança já rodopiaram pela nossa cidade se apresentando em alguns CEUs de São Paulo.

Recanto das Batucadas

São Paulo a cada ano tem se envolvido mais e mais com o samba, a cada carnaval recebe mais gente que acha aqui na capital terreno para dançar e manter nossa cultura viva. O professor Nelson Luiz Gimenes Galvão, da Escola Ary Gomes, vai além e acrescenta a tudo isso o samba de raiz paulistano, resgatando o samba de umbigada e o samba de roda. Assim ele ensina a tradição dos batuques paulistas e mostra que São Paulo também tem samba no pé.

Avenida Guilherme Cotching



Quem procura um brechô, é nessa avenida do bairro da Vila Maria que vai encontrar. Quem está com fome e tem vontade de comer uma coxinha de presunto e queijo ou um delicioso milk shake, ali vai achar. Ao longo dos seus dois quilômetros de extensão, lojas e mais lojas. Bancos, cartórios, magazines, um grande comércio que vende de tudo um pouco.

O nome da avenida tem a seguinte história: um senhor chamado Guilherme Cotching veio para o Brasil a pedido da rainha Vitória, da Inglaterra, para estudar nossos costumes e culturas. Numa de suas pesquisas, ele se encantou pela Vila Maria, comprou um enorme terreno para fazer um loteamento e, muito tempo depois, essa agitada via expressa ganhou seu nome.





Aos sábados, a avenida, que vem bem
reta da Ponte Vila Maria, também tem
barracas com comidas brasileiras e de
outros lugares do mundo, mostrando que
não é só para inglês ver, como o senhor
Cotching que veio da Grã-Bretanha para
cá, mas para todo morador ou visitante
ver, comer, comprar, encontrar os
vizinhos e se divertir...

Escola de Samba

*Vila Maria é um bairro de tradição
Vila Maria, você mora no meu coração
Foi lá que eu me criei, e aprendi a batucar!
Quantas saudades que eu sinto de você!
Oh! minha Vila Maria, eu não posso te esquecer!*

Verde, azul e branco são as cores do coração de quem é apaixonado pelo samba dessa escola que nasceu aqui, em 1954. O Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Unidos de Vila Maria se envolve o ano todo com a música, o desfile de carnaval, a confecção das fantasias e ensaios, mas também colore com todas as cores a vida das pessoas com atividades sociais que acontecem dentro da escola, além, é claro, do "samba no pé" o ano inteiro.

*Sou seu eterno enamorado
Para sempre apaixonado
Suas cores quero decantar
Verde, azul e branco
São meu acalanto
Que na passarela há de brilhar*



A escola oferece serviços de saúde como odontopediatria, terapia, psicologia e fisioterapia. É lá as pessoas também aprendem a cortar e enfeitar os fios dos seus cabelos, costurar, cortar e modelar roupas, fazer suas casas, consertar encanamentos e a assentar piso.

Quem quer aprender sobre padaria artesanal, áudio e som, fotografia, teatro, dança, samba, samba-rock, zumba, musicalização infantil, canto, violão, cavaquinho, capoeira, karatê e futebol, também é ali que conhece tudo isso. Quem é que sabia que uma escola de samba oferece isso tudo à comunidade?

É preciso falar da Mulekada da Vila Maria, que é uma escola de samba mirim, com comissão de frente, mestre-sala e porta-bandeira, passistas e bateria, para todas crianças aprenderem a dar seus primeiros passos em direção ao universo do carnaval.

*És meu pavilhão, meu bem querer
Minha alegria de viver
Moras dentro do meu coração
Vila Maria eu sou, vila Maria eu sou
Um caso de amor e emoção*





A professora Carla Aparecida Catirsi, da Escola Ary Gomes, levou seus alunos para conhecerem o Unidos da Vila Maria e levou um hip hop que foi feito pela Luiza Santos de Albuquerque e pela Mikaelly Araújo de Assis, ambas do 9º ano. Lá, o grupo de alunos foi recebido por um dos diretores, o Lino, e gravaram no estúdio essa música, que se chama "Mensagem da quebrada"!

Eu me pergunto:
Por que do preconceito?
Seja de raça, cultura ou crença
É algo que não serve de nada
E nem tão pouco acrescenta
Além de nos causar dor
Guardamos assim tantos ranços
Levamos essa dor ao mundo
E carregamos no peito
Esse sentimento imundo
Um sentimento tão ruim no peito
Coração do que inventou
Por que não abusa do respeito?



Rio Tietê

O Rio Tietê tem 1.100 quilômetros de extensão, atravessa praticamente todo estado de São Paulo, de leste a oeste, e passa pertinho do nosso bairro. Ele nasce na cidade de Salesópolis, no alto da Serra do Mar, mas faz o caminho contrário ao da maioria dos rios, que vão em direção ao oceano. Ele é "do contra" e segue para o interior do estado. Foi por isso que ele foi muito navegado pelos indígenas e depois pelos portugueses para acessarem as vilas que se encontravam ao longo do rio.

Desde 1700, por onde o rio passa já se fazia a exploração de ouro e ferro, causando variações na cor das suas águas. No século XVIII, as lavouras de cana de açúcar provocavam o desmatamento das margens do Rio Tietê e, bem depois, em 1900, já existiam mais de 150 empresas jogando lixo nas suas águas.





Mesmo assim, ainda nas décadas de 1920 e 1930 o rio era utilizado para pesca e atividades esportivas. Tanto que clubes de regatas e natação foram criados ao longo dele, pertinho da ponte da Vila Maria. Por conta disso, um dia uma menina com o nome de Maria Lenk aprendeu a nadar ali. Bem na ponte da Vila Maria, acontecia a largada de uma competição chamada "Travessia de São Paulo a nado", que em 1924 chegou a reunir mais de 1.500 atletas. Entre eles aquela menina, que se tornou uma atleta bastante famosa. Suas primeiras aulas foram no Rio Tietê, ao lado desta ponte, presa a uma vara segurada pelo seu pai e com uma tira amarrada no seu corpo para não se afogar.

Maria Lenk venceu quatro vezes essa prova que percorria cinco quilômetros do rio, de 1932 a 1935. Ela representava o Clube de Regatas Tietê e se tornou nadadora olímpica. Participou das Olimpíadas de 1932 (EUA) e de 1936 (Alemanha), e foi a primeira mulher sul-americana a realizar tal façanha, nos Jogos de Los Angeles.



Hoje, nas águas deste rio desaguam outras histórias e viver ao lado da sua margem, para muitos ribeirinhos (como são chamadas as pessoas que moram ao lado de um rio) ficou bem complicado. Antigamente era um jeito mais fácil de viver pois com a água limpinha, andavam de barco para ir de um lugar a outro, havia uma fértil vegetação, além de peixes e outros bichos nativos que viravam fartura de alimentos e também dinheiro, sendo vendidos nos mercados. Tudo isso junto se tornava um grande patrimônio ambiental de uma cidade, pois se desenvolvia uma cultura muito rica em torno do rio, com as pessoas que viviam ali e aprendiam com suas águas. De tanto aprendizado, nasceram vários lugares e cidades, inclusive São Paulo, onde o Parque Vila Maria se encontra.

Mas e quando o rio morre, o que acontece? Com as águas sujas, turvas e malcheirosas, tudo de bom vai embora. Vêm as enchentes, a morte dos peixes, a poluição e a degradação do ambiente. E muita gente continua ali vivendo, mesmo com o rio morrendo. Gente que agora vive também à margem de tantas outras coisas que parece viver na terceira, quarta, quinta, sexta margem do rio e de tudo na vida da cidade.

Passeios pela cidade:



Em uma metrópole como São Paulo existem muitas realidades diferentes, e passear pela cidade é uma forma de ampliar os horizontes. De carona em um outro projeto que acontecia nas escolas, os estudantes circularam por alguns cartões-postais paulistanos, e registraram no livro suas impressões de uma cidade que não conheciam, mas é deles.

Avenida Paulista

Sempre diversa, nela tem trabalho e diversão todos os dias. Majestosa, fica no alto da montanha e é carinhosamente chamada de "espigão da Paulista". Na verdade, ela é um espaço multicultural que é a cara de São Paulo.

Já foi local onde existiam somente casarões e onde a festa acontecia só do lado de dentro dessas construções. Hoje, a festa é na rua e nos prédios cheios de escritórios em que muito trabalho acontece. É a agitação pulsa de segunda a domingo, quando a avenida vira um centro cultural a céu aberto, com uma enorme programação de lazer gratuita.



A Paulista se manifesta em festa e manifestações sociais bem importantes da cidade. Quando acontece a Parada orgulho LGBTQ+, por exemplo, vem gente do mundo todo para conhecer. Também é nela que são feitas passeatas onde as pessoas cobram por seus direitos de cidadania. Elas partem sempre do mesmo endereço inicial, que fica no coração da avenida: debaixo do Museu de Arte de São Paulo, projetado por Lina Bo Bardi, italiana que sempre pensou numa arquitetura social, onde muita gente pudesse circular.



Esse espaço é chamado de vão do Masp, e é o vão mais preenchido da cidade. Só poderia ser onde? Na Paulista.

E quando os alunos foram conhecer a avenida num passeio de ônibus pela cidade, do que será que eles mais gostaram?

Os adolescentes sempre surpreendem. Podíamos imaginar que seus olhares se voltassem somente para a modernidade da arquitetura, mas veja só o que escreveram as alunas da Escola Paulo Carneiro:

“Entramos numa casa e quando encostamos em uma das suas janelas vimos na paisagem uma roseira tão linda que ficamos ali paradas conversando e querendo que esse jardim fosse da nossa casa.”





Um olhar singelo das alunas que criaram um elo e fizeram singular história com a Paulista, no coração da sua cidade.

E na pesquisa, os alunos descobriram que a avenida foi criada no final do século XIX, a partir do desejo de expandir na cidade. Nesta época os lugares mais valorizados eram a Praça da República, o bairro de Higienópolis e os Campos Elísios. Ela foi inaugurada no dia 8 de dezembro de 1891, por iniciativa do engenheiro Joaquim Eugênio de Lima e do dr. Clementino de Souza e Castro. E as milhares de pessoas que trabalharam nesta obra deixaram sua marca para criar uma avenida que nunca fica sozinha, porque todo dia (e toda noite) nela o povo caminha.

Museu Afro Brasil

O que é ser escravizado?

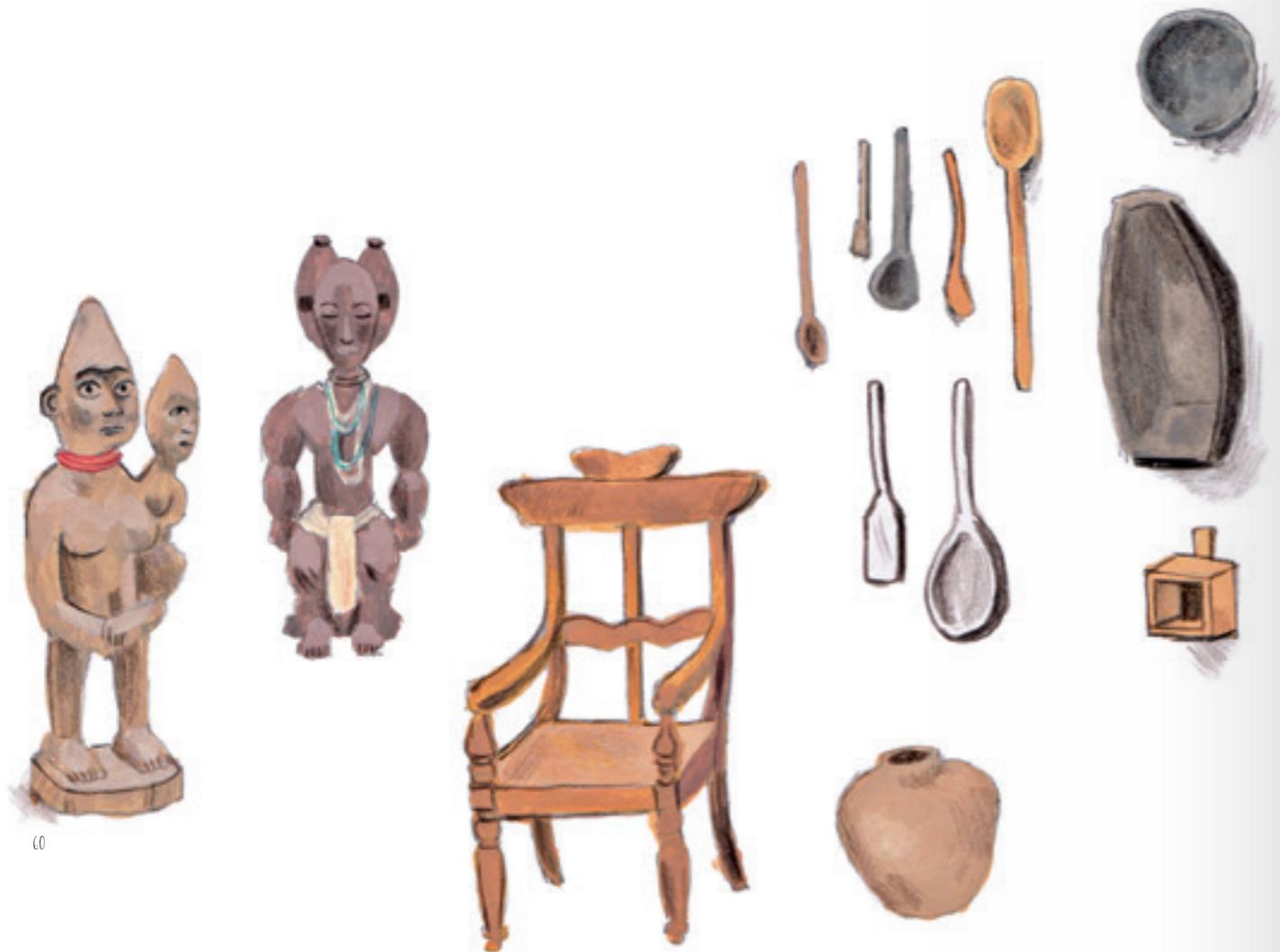
A escravidão acabou?

“Trabalhar muito e ganhar muito pouco é ser um escravizado, servindo alguém todos os dias.”

Esta foi a reflexão que vários alunos fizeram depois que visitaram um museu muito importante, com um acervo que mostra muitas Áfricas e suas diferentes culturas. É um patrimônio da nossa cidade e de tanta gente que quer conhecer a sua história, do nosso país e desse continente que representa uma de nossas mães, além da portuguesa e da indígena.



Esculturas, pinturas e objetos que retratam o jeito de viver de tantas pessoas que atravessaram o Atlântico e foram obrigadas a esquecer sua cultura. Mas como esquecer nossas infâncias? Impossível! É o Museu Afro, com seu caráter de resistência, também mostra isso.



Esse museu que celebra a memória, a história e a arte brasileiras com influências africanas foi inaugurado em 2004, a partir da coleção particular do seu diretor e curador Emanuel Araújo, ele mesmo um grande artista. E hoje o acervo já conta com mais de seis mil obras, e em sua biblioteca há cerca de doze mil livros sobre esses temas.

Ah, e a localização desse é muito legal: ele fica no meiodo Parque Ibirapuera, o maior parque da América Latina, que é a nossa "praia paulistana", um lugar para relaxar (e parar para pensar na vida) nesta cidade que nunca para.



Pinacoteca

O ônibus com os nossos estudantes saiu do Parque Vila Maria e seguiu para o tradicional bairro da Luz. Lá está a Pinacoteca de São Paulo, que nasceu em 1905 e é o museu de arte mais antigo da cidade.

Ela foi criada para mostrar o que os artistas brasileiros produziram desde o século XIX até hoje. Mas como São Paulo é muito curiosa para conhecer tudo o que vem de fora da cidade, a Pina, como é carinhosamente chamada, também recebe muitos artistas de vários países.





Ela está instalada no antigo edifício do Liceu de Artes e Ofícios, que foi projetado por um arquiteto muito importante na época, chamado Ramos de Azevedo. No final da década 1990, o prédio passou por uma ampla reforma com projeto de outro grande personagem da nossa arquitetura, Paulo Mendes da Rocha, e ele deixou a construção mais bonita ainda.

“Um espaço cultural tão importante feito com paredes que mostram o tijolo sem reboco e tinta?” Esse jeito aparentemente tão despojado chamou muito a atenção das turmas que visitaram o museu.





O quadro que mais chamou a atenção deles é um espelho que faz de cada visitante a pessoa retratada e que a cada olhar muda de figura. Os alunos ficaram encantados em descobrir que a arte é feita para as pessoas pensarem que sempre existe uma nova maneira de se refletir a vida. É um espelho é um suporte diferente para esse estranhamento provocado nos alunos, que devia ser o que o artista queria trazer quando fez essa obra.

"A Pinacoteca é bonita", isso todo o grupo que esteve lá comentou.

Esses jovens perceberam que um passeio pelo museu é muito mais do que ver só coisas antigas, mas pode trazer novas e boas descobertas, pois existem infinitos jeitos de se fazer arte e de sentir e expressar o que vemos no mundo. E a conversa continuou até tarde, enquanto o ônibus pela marginal se movia, de volta ao Parque Vila Maria, já com novos pensamentos e desejos de pintar e bordar nos murais das suas escolas.

Beco do Batman



Meu sonho
Eu suponho
É encontrar uma heroína
Ou um herói.

Na verdade, não é sonho.
É real e normal.
Por quê?

Porque ai meu Deus!
Descobri que o herói era eu.
Não era o Batman, muito menos Zeus

Meu beco tem saída assim:

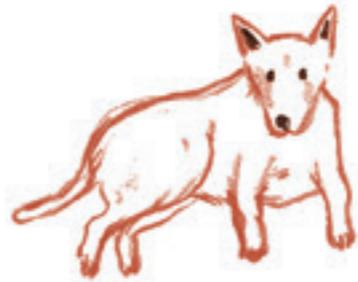
Ser herói é aprender a
Tratar bem as pessoas
E ser assim bem tratado
Em SP, aqui na Vila Maria
Ou em qualquer estado.



Os estudantes descobriram muito sobre o lugar. Antigamente, era um espaço abandonado, mas passou por uma imensa transformação, como passam todas as paredes da cidade que um dia deixam de ser cinzentas para ganhar pinturas, desenhos dos mais variados estilos. Uma arte democrática que pode ser apreciada por todas as pessoas, que, de repente, se surpreendem quando se deparam com essa expressão que nasce numa virada de esquina, numa quebrada, avenida, rua, deixando-as mais alegres e divertidas.

Nossos estudantes adoraram esse lugar. Ali perceberam que a arte pode ser feita por qualquer um e que a cidade reúne esse monte de expressões pessoais. Ajudou também a entenderam a importância do projeto Mural, que acontece bem ali na sua rotina, onde eles podem trazer o desenho de cada um e deixar a escola e a própria vida mais bonitas.





Edição: Otavio Nazareth
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Victoria Tofoli
Ilustração: Nara e Heitor Isoda
Revisão: Manuela Penna e Maria Fernanda Alvares
Produção editorial: Renata Sizilio
Gerenciamento do projeto: Doble Cultura
Tratamento de imagens e produção gráfica: Daniela Yamauti
Impressão: Hawaii Gráfica

Agradecemos de forma muito especial aos alunos, professores, pedagogos e diretores das das escolas General Paulo Carneiro e Coronel Ary Gomes que de braços abertos nos acolheram, pelo empenho e dedicação desmedidos em suas pesquisas e pelo lindo resultado deste projeto, e à Viação Cometa e ao Instituto JCA pelo comprometimento e interesse contínuo, muito além do patrocínio realizado.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

S237v

Santos, José.
Parque Vila Maria : a cidade da gente / organização José Santos e Selma Maria ; ilustrações Nara Isoda e Heitor Isoda — São Paulo : Olhares, 2019. 80 p. : il. ; 25 cm.

ISBN 978-85-62114-96-0

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural
4. Vida urbana 5. São Paulo, SP. I. Maria, Selma. II. Isoda, Heitor.
III. Isoda, Nara. IV. Título.

CDD 028.5
CDU 82-93

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes
Veloso Baralle — CRB-8/10366



patrocínio

Cometa



realização

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



produção executiva

doble.
cultura

© 2019 Editora Olhares e autores.
Este livro foi impresso pela Hawaii Gráfica sobre papel
offset Fosco 150g em novembro de 2019.